



JORNADA MANUEL DE CASTRO (1934-1971)

14 Setembro '21
Faculdade de Letras,
Universidade de
Lisboa

Organizador: Rui Sousa // **Comissão Organizadora:** João Manuel Fernandes,
Luís Pinheiro, Ricardo Ventura // **Concepção Gráfica:** designpirata.weebly.com

Grupo 1 - Literatura e Cultura Portuguesas (CLEPUL)

Actividade financiada por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos Projectos «UIDB/00077/2020» e «UIDP/00077/2020»



JORNADA MANUEL DE CASTRO (1934-1971)

14 de Setembro de 2021

Em 2021, assinalam-se os 50 anos da morte do poeta português Manuel de Castro (1934-1971), considerado actualmente um dos mais importantes representantes da geração que começou a reunir-se em torno do lendário Café Gelo, desde os primeiros anos da década de 50, juntamente com poetas e artistas como Herberto Helder, Helder Macedo, António José Forte, António Gancho, Ernesto Sampaio, José Escada, João Vieira, Gonçalo Duarte, entre outros. Esta jornada propõe-se partir da obra singular do poeta para reflectir sobre o Grupo do Café Gelo. Serão tidos em consideração os diversos testemunhos e interpretações do alcance do grupo e dos seus mais fidedignos representantes.

De facto, o grupo do Gelo é hoje recordado a partir de dois distintos veios de interpretação: por um lado, encontra-se associado à continuidade, mesmo que plural e heterodoxa, das expressões do Surrealismo e do Abjeccionismo em Portugal, contando com a recepção de figuras tutelares como Mário Cesariny, António Maria Lisboa ou Raul Leal, a que ainda se associam por vezes Luiz Pacheco, Manuel de Lima e outros; por outro lado, a memória mítica do Gelo encontra expressão nos jovens poetas e pintores que ali se reuniram antes de na sua maioria encontrarem refúgio em França e em Inglaterra, com projectos como a célebre revista *KWY*, que acolheu nomes que fundaram o grupo, casos dos artistas plásticos Lourdes Castro, René Bertholo, João Vieira, José Escada e Gonçalo Duarte, ou dos poetas Manuel de Castro, Herberto Helder e Mário Cesariny.

Assim, das obras de Manuel de Castro, como *Paralelo W* (1958) e *A Estrela Rutilante* (1960) aos mais diversos exemplos da memória colectiva do Gelo, como a *KWY* (1958-1964), a revista *Pirâmide* (1959-1960), e as antologias *Surreal-Abjeccionismo* (1963), *Grifo* (1970) e *Edoi Lelia Doura* (1985), a que poderão juntar-se as diversas etapas do projecto da *&etc.*, percorremos um momento decisivo na configuração do panorama da literatura portuguesa, num contexto marcado por um ambiente sócio-político adverso derivado do regime salazarista.

RESUMOS

10H00-12H00

SESSÃO I

DUARTE DRUMOND BRAGA (CEC, FLUL)

O ORIENTE EM MANUEL DE CASTRO

Apesar de o poeta ter vivido em Goa na infância, a poesia de Manuel de Castro – sobretudo em *A Estrela Rutilante* (1960) – dirige-se sobretudo a um Oriente imaginal, na linha de algumas tradições estéticas novecentistas. Esta apresentação busca compreender o Oriente que aparece na sua poesia como sendo sobretudo simbólico, ao qual não são estranhos alguns contornos esotéricos, inscrevendo-o nas linhagens da poesia portuguesa do século XIX e XX.

Duarte Drumond Braga Possui Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Portugueses (2005), Mestrado (2009) e Doutoramento (2014) em Estudos Comparatistas, todos pela Universidade de Lisboa. No âmbito do Doutoramento, no qual trabalhou a questão do orientalismo em Camilo Pessanha, Fernando Pessoa e outros poetas, recebeu bolsa da agência do estado português Fundação para a Ciência e Tecnologia (2009-2013) e realizou estágio de pesquisa na Universidade de Wisconsin-Madison (E.U.A.). Atuou como docente na Faculdade de Letras da U.L. e nesta instituição foi membro integrado do Centro de Estudos Comparatistas (2009-2014), bem como membro colaborador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (2007-2013) e do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (2007). Pós-doutorado, com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, acerca da representação de Goa e de Macau na Literatura de língua Portuguesa do século XX, desenvolvido nos anos de 2014-2015 na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. FCT CEEC Junior Researcher no Centro de Estudos Comparatistas (Universidade de Lisboa), desde 2019. Coordenou, com Hélder Garmes, o projecto Relocalizar o Modernismo em língua portuguesa, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (2017-2019). Publicou *As Índias Espirituais. Fernando Pessoa e o Orientalismo Português* (Tinta da China, 2019) e mais recentemente *O Percurso Plural de um Poeta e Intelectual de Goa* (São Paulo, Alameda, 2020). Autor dos livros de poesia “Voltas do Purgatório” (Lisboa: Língua Morta, 2015) e *Os Sininhos di Inferno* (não edições), 2021), tem poemas dispersos em revistas literárias, em papel e na rede.

JOÃO OLIVEIRA DUARTE (IHA, FCSH-UNL)

ULISSES ENLOUQUECIDO

A viagem é dos temas mais recorrentes na poesia de Manuel de Castro. Encontra-se declinada de várias formas, com matizes que vão mudando, ora nos dois únicos livros que deixou publicados ora nos outros poemas e projectos que constituem a sua obra poética. Nesta comunicação vamos concentrar-nos nalgumas linhas de força que comparecem *em A Estrela Rutilante* (1960). Neste livro encontramos uma cesura entre o “dia necessário”, por um lado, e “a última convulsão da peste”. É a partir desta “destinerrance”, para usar um conceito de Derrida, inaugurada por uma cesura que não pode ser apagada e que se inscreve na poesia de Manuel de Castro, que vamos tentar ler este conjunto de poemas.

João Oliveira Duarte Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tirou o mestrado em Estética na Universidade Nova de Lisboa, onde se encontra a concluir um doutoramento em História de Arte com o projecto *Reconfigurando o arquivo: fisionomia, discursos e história natural*. Bolseiro FCT, publicou diversos artigos em revistas científicas. Faz crítica literária em diversos lugares, onde se destacam a *Colóquio-Letras*, a *Electra* e o *Jornal i*. É autor de *Uma Biblioteca contra o Inferno* (Ego Editora, 2017) e co-autor de *Poéticas do Devir* (Húmus, 2021).

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO (CEHFCI, UÉ)

A SITUAÇÃO ESPIRITUAL DE MANUEL DE CASTRO

Tradições espirituais ocidentais e orientais. Gnosticismo e dualismo indo-iraniano. A via de Gurjieff: sufismo, embriaguez e viagem na procura espiritual de M. de Castro.

António Cândido Franco (1956). Ensaísta, romancista, poeta e professor universitário. Licenciado em Filologia Românica (1981) e Mestre em Literaturas Brasileira e Africanas de Expressão Portuguesa (1988) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Doutorou-se com a tese *A literatura de Teixeira de Pascoaes* pela Universidade de Évora (1997). É Professor Auxiliar, com Agregação em Cultura Portuguesa (2006), no Departamento de Linguística e Literaturas da referida Universidade. Investigador do IHC – Instituto de História Contemporânea e do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora. Tem vasta obra de poesia, coligida no volume *Estâncias reunidas: 1977-2002* (Quasi Edições), assim como romances de divulgação histórica. Dedicou-se à edição da obra de vários poetas, como Anrique Paço d'Arcos, Mário Beirão, Américo Durão, João Lúcio e Fernando Grade e ao estudo de autores como Fialho de Almeida, Teixeira de Pascoaes, Florbela Espanca e, mais recentemente, Agostinho da Silva, Luiz Pacheco e Mário Cesariny. Editor da revista *A Ideia – revista de cultura libertária*, cujos últimos números têm sido dedicados ao Surrealismo português. No volume *O Surrealismo Português e Teixeira de Pascoaes* (São Paulo: Escrituras Editora, 2013), reuniu a maior parte dos seus textos redigidos sobre o surrealismo português, divulgando junto do público brasileiro as ligações do poeta Mário Cesariny com a obra e a vida de Teixeira de Pascoes. É autor de *O Triângulo Mágico* (Quetzal Editores, 2019), *Luiz Pacheco Essencial* (Almedina, 2017), *Três cartas inéditas a André Breton Surrealismo* (Licorne, 2015), *O Estranhíssimo Colosso. Biografia de Agostinho da Silva* (Quetzal Editores, 2015), *Trinta Anos de Dispersos sobre Teixeira de Pascoaes* (Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2014), *Notas para a Compreensão do Surrealismo em Portugal* (Licorne, 2013), *Fialho de Almeida. Cem Anos Depois* (Licorne, 2011).

14H00 – 16H00

SESSÃO II

RICARDO VENTURA (CLEPUL, FLUL)

NOTAS PARA UMA EDIÇÃO DA OBRA REUNIDA DE MANUEL DE CASTRO

Em «Os poetas sonegados», um artigo publicado no jornal *A República* em 19 de outubro de 1972, cerca de um ano após a morte de Manuel de Castro, Luiz Pacheco reclamou a necessidade de uma edição da obra do poeta, alardeando pistas acerca do paradeiro dos seus papéis. No entanto, passariam mais de quarenta e um anos até à publicação, em dezembro de 2013, de *Bonsoir Madame*, uma coletânea que tem desempenhado um papel muito importante para a revisitação e valorização da poesia de Manuel de Castro, mas que pouco adianta em relação à proveniência dos textos até então inéditos e aos critérios subjacentes à organização e à seleção das peças que a compõem.

A nossa comunicação consistirá em algumas notas acerca da edição da *Obra Reunida*, que se encontra atualmente em fase de conclusão. Tendo como ponto de partida os papéis que se encontravam na posse de Maria Natália Cabrita, viúva do autor, e das suas filhas, esta edição baseia-se também em materiais recolhidos em bibliotecas e arquivos públicos, visando uma reunião, o mais completa e fiel possível, da poesia e da prosa de Manuel de Castro. No contexto da Jornada Manuel de Castro, realizada cinquenta anos após a morte do autor, procuraremos fornecer elementos para um melhor conhecimento da globalidade sua obra – dando especial atenção à prosa, componente menos divulgada, mas que, a nosso ver, encerra pistas determinantes para uma melhor compreensão do projeto literário castriano – e tentaremos dar conta de alguns desafios colocados, ao longo do processo de edição, pela dispersão de fontes e por algumas especificidades da escrita de Manuel de Castro.

Ricardo Nuno de Jesus Ventura, Doutoramento em Literatura e Estudos Culturais pela Universidade de Lisboa (2011, FCT: SFRH/BD/31027/2006), pós-doutorado em História pela Universidade de Lisboa (2012-2017, FCT: SFRH/BPD/78483/2011), investigador contratado pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desde Maio de 2019, e investigador integrado do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desde 2011. Desenvolve pesquisa na área das Humanidades numa perspectiva multidisciplinar, através do estudo e da edição de fontes portuguesas e latinas da Primeira Modernidade. Tem desenvolvido e participado em diversos projectos que visam recolher, sistematizar e estudar um *corpus* de fontes essencialmente relacionadas com: 1) as missões religiosas no contexto do Império Português; 2) o direito internacional e natural no século XVI; 3) as relações interculturais e inter-religiosas na Idade Moderna. Entre os diversos resultados da sua investigação, destacam-se a coordenação de 2 volumes das *Obras Completas de António Vieira*; a recolha, a transcrição paleográfica e a tradução de textos latinos de direito natural em dois projectos de estudo e recolha de fontes da Escola Ibérica da Paz (FCT: PTDC/FIL-ETI/119182/2010; PTDC/MHC-FIL/4671/2014). Actualmente está a concluir a edição e o estudo das obras de Félix da Costa e integra a equipa de investigação do projecto «Para a construção do *corpus* Pombalino» (FCT: PTDC/HAR-HIS/32197/2017), incidindo principalmente nas fontes relacionadas com a política colonial portuguesa no século XVIII.

GOLGONA ANGHEL (IELT, FCSH-UNL)

UM VAZIO CHEIO DE COISAS

“Escreve, se tens um intervalo na guerra.” É com estas palavras que Manuel de Castro acaba a sua carta dirigida a Luiz Pacheco, no dia 22 de Abril de 1966. A escrita é da ordem do intervalo, da suspensão dos trabalhos e dos dias. Mais do que um lugar vazio, Manuel de Castro pensa o intervalo como acontecimento. Uma trégua no amor, o silêncio, o espaço desabitado adquirem na sua poesia o dinamismo da metamorfose. A sua plasticidade – feita de fantasmas e de gestos singulares – contribui para uma composição escultural da imaginação, mas também para a sua disposição coreográfica que faz com que a escrita possa, por vezes, autonomizar-se, atomizar-se, tornar-se imprópria, “equidistante e neutra”, “ausência iluminada” ou “música que a chuva/tamborila na noite”. Será isto o “método dos mortos vegetais”, uma “tarefa de combate no tempo total/ no tempo incolor inodoro absoluto contínuo” – como anuncia o poema “Habitat” (*Bonsoir, Madame*, 2013, 67-68) – ou a “fabricação íntima dos astros” (“Rio”, 82-83)?

Golgoná Anghel Professora Auxiliar no Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Investigadora no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da mesma faculdade. Licenciou-se em 2003, em Estudos Portugueses e Espanhóis na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde, mais tarde, iria concluir o Doutoramento (2009) em Literatura Portuguesa Contemporânea. Publicou alguns livros de ensaios – *Eis-me acordado muito tempo depois de mim, uma biografia de Al Berto* (Quasi Edições, 2006), *Cronos decide morrer, viva Aiôn, Leituras do tempo em Al Berto* (Língua Morta, 2013), *A forma custa caro. Exercícios inconformados* (Documenta, 2018) – e preparou uma edição diplomática dos *Diários* do poeta Al Berto (Assírio & Alvim, 2012). Nas horas vagas, escreve também poesia: *Vim porque me pagavam*, (Mariposa Azul, 2011), *Como uma flor de plástico na montra de um talho* (Assírio & Alvim, 2013), *Nadar na piscina dos pequenos* (Assírio & Alvim, 2017).

ANDRÉ TAVARES MARÇAL

***“REVOLTA... DESTRUÇÃO... CONSTRUÇÃO...”: TENTAR SER PURO
PARA PODER PASSAR***

Esta comunicação procura, em primeiro lugar, isolar a dificuldade de aproximação a um poeta como Manuel de Castro tendo em conta a circulação da sua obra e o estado da sua publicação à data das Jornadas, que coincidem com o quinquagésimo aniversário da sua morte. Ela visa essencialmente elaborar um ponto de situação bibliográfico da obra édita para chegar a sugerir futuros percursos possíveis de leitura que têm por base a reunião de todos os seus escritos, a ser publicada em breve.

Por outro lado, tenta-se também oferecer algumas notas de leitura capazes de revelar a natureza da obra castriana como ela é conhecida e as paisagens em jogo nos seus textos, a sua concepção da poesia e da escrita, ou, de modo mais lato, do acto criador. Para Manuel de Castro a criação artística é sempre o resultado de um processo profundo que vai além da mera procura do belo. Prende-se sobretudo com um trabalho espiritual e surge como um meio de subsistência e ascese para, do lugar dessa solidão, o poeta poder erigir uma existência justa, encontrar uma dignidade para o significado do seu viver e fazer dessa busca o trabalho da vida.

É através da escrita que o poeta se torna íntimo do seu silêncio, que conquista e expande esse lugar para lá do qual tudo se cala ao mesmo tempo que o rumor de tudo insiste em trovejar. A poesia é o palco do drama humano da experiência interior, da sua duração e sentido possíveis. E é através dela que se descobre que este trabalho da vida só pode ser, na verdade, o trabalho da morte.

André Tavares Marçal estudou Literatura Inglesa e Francesa na FCSH-UNL com uma passagem pela Sorbonne Nouvelle Paris III. De volta à FCSH-UNL, fez a Pós-graduação em Artes da Escrita e o Mestrado em Estudos Portugueses com uma tese sobre a poesia de

Manuel de Castro a partir do pensamento de Maurice Blanchot intitulada *Vogar: em todas as línguas saber saudar a morte* (2018). Tem-se dedicado sobretudo à tradução. Traduziu uma peça de Alfred de Musset para a Antítese Editores, a colecção de escritos *O Sagrado* de Laure (Colette Peignot) para a DeStrauss e preparou uma seleção da obra poética de Paul Goodman com o título *Cem mil anos para ir à escola*, para *A Batalha e a Barricada* de Livros, entre outros.

RUI SOUSA (CLEPUL, FLUL)

ALGUMAS NOTAS SOBRE AS CRÓNICAS LITERÁRIAS DE MANUEL DE CASTRO

Embora mais conhecido como poeta, Manuel de Castro foi um assíduo colaborador de vários jornais, desenvolvendo um percurso de crítico literário de que sobressaem uma compreensão da poesia e do artista próxima das várias tradições confluentes no Surrealismo, a singularidade do contexto abjeccionista português e a iluminação dos pressupostos subjacentes à sua prática poética, incluindo em termos do reconhecimento de alguns precursores. Nesta comunicação, serão considerados alguns desses contributos, datáveis da década de 60.

Rui Sousa Doutorado em Estudos de Literatura e de Cultura pela mesma universidade, com uma tese dedicada ao conceito de Libertino em Luiz Pacheco. Publicou ensaios sobre Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens na antologia *1915 – O Ano do Orpheu*, coordenada por Steffen Dix, e colaborou em números recentes da *Pessoa Plural* e em eventos organizados pelo Projecto Estranhar Pessoa e pela Casa Fernando Pessoa. Publicou em 2016 o livro *A Presença do Objecto no Surrealismo Português*. Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL).

16H30 – 18H30

SESSÃO III

ANA CRISTINA JOAQUIM (UNICAMP)

HERBERTO HELDER LEITOR DE MANUEL DE CASTRO: O ESTABELECIMENTO DE UM CÂNONE ENTRE O CAFÉ GELO E O ‘PARALELO W’

Em mais de uma ocasião, o Café Gelo é referido em relatos daqueles que viveram a vida literária lisboeta da segunda metade do século XX. Entre as personagens mais ou menos (des)conhecidas que por lá circularam, dois nomes aparecem frequentemente: o de Herberto Helder e o de Manuel de Castro. Chama atenção não apenas a frequência com que são mencionados, mas o fato de muitas vezes virem associados: assim ocorre em, ao menos, dois textos de Helder Macedo, um a propósito da publicação de *Noites*, atribuído a Luís Garcia de Medeiros, outro um depoimento sobre os tempos do Café Gelo. O interesse em tratar a obra de Manuel de Castro sob o prisma helderiano, advém entretanto de duas iniciativas próprias a Herberto Helder que, se não assumem a retórica canônica por excelência, direcionam, na sua despretensão assumida, o olhar dos leitores de poesia a este poeta de vida breve e, por isso, de poucos volumes. Trata-se portanto, de pensar sobre os poemas de Manuel de Castro a partir da breve crônica “Eu que apareci acidentalmente vivo”, publicada por Herberto Helder a 18 de setembro de 1971, no *Notícia – Semanário Ilustrado* (no período que Herberto Helder viveu em Luanda), por ocasião da morte do amigo e companheiro de juventude; e a partir da seleção poética que Herberto Helder disponibiliza em *Edoi Lelia Doura, antologia das vozes comunicantes da poesia moderna portuguesa*, publicada em 1985. Trata-se, por fim, de sondar esses gestos helderianos a partir da polêmica atual acerca do estabelecimento de um cânone literário.

Ana Cristina Joaquim é formada em Letras e Filosofia (Universidade de São Paulo/USP, 2008; Universidade São Judas Tadeu/USJT, 2007), é Mestre em História da Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2011), Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP, 2016 com estágio na Universidade Nova de Lisboa/UNL, 2013), e atualmente desenvolve um projeto de Pós-Doutorado no Departamento de Teoria Literária da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2018-atual, FAPESP: 2017/17843-1; com estágio na Universidade do Porto/UP, 2019, FAPESP/BEPE: 2018/21750-1). Contato: wiquen@gmail.com.

PERFECTO E. CUADRADO (Universitat de les Illes Balears)

MANUEL DE CASTRO NO CONTEXTO DO GRUPO DO CAFÉ GELO

Em meados da década de 50, alguns poetas e artistas com afinidades ao Surrealismo reuniram-se espontaneamente num grupo de resistência ao ambiente experienciado em Portugal. Contando com algumas personalidades tutelares ligadas aos movimentos modernistas e surrealistas portugueses, como Raul Leal, Mário Cesariny ou Luiz Pacheco, o Grupo do Café Gelo caracterizou-se pela diversidade dos discursos artísticos praticados por alguns dos mais singulares poetas portugueses herdeiros de práticas surrealistas e abjeccionistas, mas também de diálogos abertos com outras correntes vanguardistas portuguesas e internacionais, do Orpheu aos modernistas brasileiros e aos vários discursos poéticos e filosóficos europeus posteriores ao Surrealismo. Manuel de Castro integrou o contexto multifacetado do Gelo, tendo mantido relações próximas, quer com os que permaneceram em Portugal, casos de Ernesto Sampaio, Luiz Pacheco ou Virgílio Martinho, quer com os que optaram por uma vocação de viajantes ou que optaram por refugiar-se internacionalmente, casos de Herberto Helder, Helder Macedo ou os artistas associados à *KWY*.

Perfecto Cuadrado Fernández (Santovenia del Esla, Zamora, 1949). Catedrático de Filologias Galega e Portuguesa (U.I.B.). Coordenador do “Centro de Estudos do Surrealismo” da Fundação Cupertino de Miranda (Vila Nova de Famalicão) e da Cátedra Mário Cesariny, Palma de Maiorca, desde 2016. Entre as suas obras, destaca-se *Modernidad y vanguardia en la poesía portuguesa contemporânea, Perspectiva histórica del Surrealismo portugués, Fernando Pessoa: máscaras y paradojas, You are welcome to Elsinore – Antologia da Poesia Surrealista Portuguesa, Poesia Portuguesa do Século XVIII – Ensaio e Antología e Mário Cesariny* (com João Pinharanda; Prêmio José Figueiredo da Academia Nacional das Belas Artes, Lisboa). Tem comissariado e publicado os catálogos de diversas exposições, entre elas *Surrealismo em Portugal 1934-1952* (com Maria Jesús Ávila) e *Cartografía surrealista-território Eugenio Granell* (com António Gonçalves). Editor de importantes obras de autores surrealistas portugueses, de que se destaca a mais sucedida antologia de autores surrealistas portugueses, *A Única Real Tradição Viva* (1998), a edição de volumes da autoria de Mário Cesariny de Vasconcelos (*Poesia, Mário Cesariny*, 2017; *Um Rio à Beira do Rio. Cartas para Frida e Laurens Vancrevel (Mário Cesariny)*,

2017; *Cartas de Mário Cesariny a Cruzeiro Seixas*, 2014; *Sinal Respiratório – Cartas para Sérgio Lima*, 2019; *Gatos Comunicantes Correspondência entre Vieira da Silva e Mário Cesariny (1952-1985)*; *Uma última Pergunta – Entrevistas com Mário Cesariny*, 2020; *Poemas Dramáticos e Pictopoemas de Mário Cesariny*, 2020) e a edição de autores menos lembrados, como Fernando Alves dos Santos e Henrique Risques Pereira.

LUCAS NEGRI

POESIA E REALIDADE PELA OBRA DE HERBERTO HELDER

Esta apresentação remete à minha pesquisa de mestrado, de mesmo título, na qual se investiga a relação entre poesia e realidade através da obra de Herberto Helder – entendendo-se, por essa relação, a dialética entre a obra poética e outros fatores que determinam suas possibilidades de sentido. Reconhece-se como a obra de Helder se faz na duplicidade irônica de evocar, para si, um sentido fundamental e/ou totalizante, ao mesmo tempo em que se coloca negativa e por vezes sarcasticamente no enfrentamento da possibilidade de sustentar, no mundo, uma “palavra sísmica”. Ainda que ela se remeta à transtemporalidade de uma poesia inatual, busca-se desdobrar o cenário de problemas a partir do qual ela projeta o seu ideal e no qual ela não se encontra sozinha: passa-se, por exemplo, pelo princípio libertário surrealista, pela negatividade abjeccionista a confluir com a negatividade metafísica herdada do modernismo da *Orpheu*, os perigos da “tentação literatizante” e a ideia repartida entre vários poetas do período de que a poesia pode realizar algo no próprio centro da nossa vida.

Lucas Negri é mestrando em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) sob orientação da Profa. Dra. Lilian Jacoto. É bacharel em Letras pela mesma instituição (2018), com intercâmbio na Univerzita Karlova (2016, Praga, República Tcheca). É membro do Núcleo de Estudos de Literaturas de Língua Portuguesa e Ética (NELLPE) e da Organização Cartografo. Possui interesse em literatura, filosofia e psicologia. Anteriormente, dedicou-se às artes plásticas, tendo realizado exposições em algumas instituições culturais.

Para assistir às sessões via zoom aceda a <https://videoconf-colibri.zoom.us/j/85770726977?pwd=SEgzcUt4SGlSNndlL2wvdVpYelQ3Zz09>

ID da reunião: 857 7072 6977
Senha de acesso: 892331

JORNADA MANUEL DE CASTRO (1934-1971)

Comissão Organizadora

Rui Sousa, Luís Pinheiro, Manuel P. Fernandes, Ricardo Ventura

Organização

Grupo 1 – Literatura e Cultura Portuguesas (CLEPUL)

Comissão Científica

Ernesto Rodrigues, Federico Bertolazzi, Fernando Cabral Martins, Kenneth David Jackson, Jerónimo Pizarro, Margarida Braga Neves, Nuno Amado, Patrícia Soares Martins, Perfecto E. Cuadrado, Roberto Vecchi, Serafina Martins

Actividade financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos Projectos «UIDB/00077/2020» e «UIDP/00077/2020»

Organizador: Rui Sousa // Comissão Organizadora: João Manuel Fernandes, Luís Pinheiro, Ricardo Ventura // Concepção Gráfica: designprinta.waabby.com

Grupo 1 - Literatura e Cultura Portuguesas (CLEPUL)
Actividade financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos Projectos «UIDB/00077/2020» e «UIDP/00077/2020»

